

Na "Apresentação" da coletânea, a coordenadora, Leda Maria, nos informa que os textos publicados no livro, com exceção da "Introdução" feita por Fabio Herrmann, foram apresentados no II Encontro da Teoria dos Campos, ocorrido em São Paulo em outubro de 2001. Ela contextualiza o título do Encontro e a Teoria dos Campos: "Rompida a esperança de explicação e domínio total do mundo através da racionalidade bem como através de respostas mitológicas e religiosas tão caras à aurora da civilização ocidental, abre-se, para o homem pós-moderno, uma crise sem precedentes na história da humanidade. De fato, vivemos no Ocidente transformação profunda e estranha de nossas representações, seja de identidade seja de realidade. Tais transformações afetam as próprias estruturas do sistema simbólico que rege a identificação dos sujeitos em todas as sociedades conhecidas (...). Quanto à realidade observamos falta de substância da representação (...). A Teoria dos Campos, ao resgatar da obra freudiana seu método heurístico, apresenta-se como espécie de ponte entre o passado, o presente e o futuro" (p. 9-10).

A Teoria dos Campos foi criada por Fabio Herrmann que além da "Introdução", escreveu a "Conclusão" deste livro, que é composto pelos textos de vinte autores e está dividido em cinco partes: "Introduzindo a Teoria dos Campos", "A Teoria dos Campos Aprofundada", "Dialogando com Outras Disciplinas", "Sobre a Clínica" e "Função Terapêutica".

"A Teoria dos Campos é pouco importante, importante é a Psicanálise. Só é importante a Teoria dos Campos, porque ela oferece à Psicanálise um caminho em direção ao futuro (...). Freud criou a Psicanálise,

## A psicanálise hoje e amanhã

Resenha de Leda Maria Codeço Barone, Andrea Giovannetti, Leda Herrmann, Marilsa Taffarel e Rubia Mara do Nascimento Zecchin,  
**O psicanalista: hoje e amanhã. O I Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por Escrito,**  
São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, 291 p.

tendo como horizonte uma ciência geral da psique humana. (...). Depois de Freud, a Psicanálise foi se concentrando apenas na situação do consultório (...). Convertem-se numa microciência da clínica particular" (p.11-12). Com estas palavras, Fabio Herrmann inicia o "O Momento da Teoria dos Campos na Psicanálise", que é a Introdução do livro.

Para resgatar o sentido, a amplitude, o horizonte e a vocação da produção psicanalítica, a teoria dos campos não pretende ir numa direção dissidente em relação a Freud. Pelo contrário, segue-o, visando à descoberta. Pretende recuperar o sentido da descoberta, voltar-se para os inconscientes desconhecidos, dos indivíduos e das formas sociais. Ou seja, trata-se de não se deter nos inconscientes já descobertos. Fabio Herrmann coloca ainda que uma epistemologia que inclua a psicanálise deverá ser retirada da própria psicanálise,

que não tem lugar na atual teoria das ciências. Constituir tal epistemologia é, para ele, um projeto terapêutico para a ciência futura, que a tornará mais compatível com o *homem real* e mais apta a incluir a verdade da ficção, menos automática em seus critérios veritativos (p.12). Para o autor estamos na terceira geração psicanalítica, a primeira teria sido a da descoberta dos inúmeros campos inconscientes que determinam a vida individual e coletiva dos homens (p.14), a segunda corresponderia à organização dos conhecimentos em escolas que ao invés de passarem para os novos analistas um método de descoberta, passaram uma doutrina estabelecida" (p.15). Na atual geração, a terceira, caberia buscar um renascimento freudiano no sentido de se conseguir criar com a mesma liberdade científica que ele (Freud) reclamou para si" (p.16).

Após a colocação do projeto geral, o livro em seus primeiros três capítulos, escritos por Cláudio Garcia Capitão, Andrea Giovannetti e Maria Lúcia Castilho Romera, didaticamente expõe os fundamentos e as principais proposições da Teoria dos Campos. Os autores conseguiram, com efeito, graças aos diferentes recursos explicativos usados, dar ao leitor uma visão ampla e clara dessa teoria que nem sempre é fácil de compreender.

Referindo-se à psicanálise, Claudio Capitão, traz estas frases em situação, de uma escuta que, segundo o que parece regra e não exceção, se apresenta como traiçoeira, malandra e pouco educada (p. 34): Eu falo e o senhor não me entende. Sim, entendo, mas num outro lugar, onde o senhor sempre esteve e nunca se viu, nunca se pensou (p. 34). Faz-nos acompanhar o perder-se para reencontrar-se ampliado (p. 35).

Andrea Giovannetti, entendendo a atitude respeitosa que escolas psicanalíticas cultivam diante dos ensinamentos freudianos como algo que não se esgota na gratidão por dever a estes sua existência, mas que se compõe, em boa parte, de zelo corporativo, que pouco tem a ver com uma necessidade conceitual (p. 38). Vê os analistas cuja clínica se posiciona *fora* das prescrições das escolas nomeadas como reunidos numa espécie de nebulosa. Para a autora, Fabio Herrmann, situado nesta nebulosa marginal (p.38) teria reformulado de modo consistente a pergunta *A que linha você se filia*, ao perguntar de que modos *linhas díspares* podem produzir efeitos de cura semelhantes. Ainda, ressaltando suas considerações a respeito da questão da interpretação, Andrea assinala que, para ele, *interpretar* não se confunde, pois, com proferir verdades acerca do que observamos no analisando, mas significa expor a lógica das emoções conflitantes, dos paradoxos do desejo permitindo que, naquele regime de suspensão das exigências do mundo que é o momento da sessão, o analisando se dê conta das ocasiões em que esco-

lhe rumos incompatíveis para o que deseja (p. 42).

Maria Lúcia, por sua vez, apresenta a psicanálise como uma ciência dos processos ou construções das múltiplas possibilidades de subjetivação (p. 48). Comenta que tanto a palavra falada, quanto aquela que está presente sem ser emitida, ancora o sujeito humano, desconhecendo de si. É nela que este se perde e também se acha, temporariamente, apresenta-se e representa. É o ser que existe na *transitoriedade*. A pretensão de definir a existência pela sua condição pensante, leva-o a armadilhas: experimenta-se pensado (p. 50). A autora assinala que o real e o desejo não podem ser conhecidos diretamente; assim, o que se mostra são suas representações nas formas de realidade e identidade (p. 54). Afirmando que a própria realidade é representação, responde também — diante da indagação *Mas de quê?* —, que ela representa regras da psique do real que são infinitas e estranhas (p. 54).

A segunda parte, "A Teoria dos Campos Aprofundada" é escrita por Leda Herrmann, Marilza Taffarel e Suzete Capobianco. Novamente, encontramos estilos claros, que vão tocando em pontos nevrálgicos da Psicanálise e da psicanálise, mostrando sua força e suas fraquezas. Para Leda Herrmann, a psicanálise tem condições de interpretar o sistema do qual decorre o funcionamento do mundo e o faz, não pela via de lhe reafundir substância, mas pela via de atribuir sentido, procurando a racionalidade da lógica de produção desses sistemas representacionais (p. 65). A autora vê a psicanálise como um sintoma do mundo da super-representação e um instrumento adequado para com ele lidar (p. 65). Afirmando que se Freud pôde definir o psicanalista atri-

buindo-lhe como característica o acreditar em resultados da aplicação do método sexualidade infantil, regressão etc tal delimitação iniciou o fechamento da porta que ele mesmo havia aberto (p. 66). Ela entende que a crítica exercida pela Teoria dos Campos permite-nos perceber com nitidez suficiente uma luta que há dentro da psicanálise enquanto corpo de conhecimento. Esta se travaria entre sua possibilidade heurística de encontrar o significado de algo enigmático e o movimento contrário de usar a análise de A para explicar a de B (p. 66). Assim, citando Dante, ela nos diz que o método não tem descanso, só existe quando posto em prática, devora o saber produzido e pede mais (p. 68); assinala que o sentido provém do paciente, não lhe é dado pelo analista.

Marilisa, num percurso amplo pela história da Psicanálise, põe em evidência, conforme seu ponto de vista, os momentos em que ela teve "Perdas e Recuperações do Método". Encontra o primeiro tropeço em Freud que, em "Perspectivas futuras da terapia psicanalítica" (1910), escreveu sobre sua aspiração de que a psicanálise atinja um estágio de solo firme, de conhecimentos suficientes sobre o psiquismo a partir do qual a técnica possa ser deduzida e o trabalho analítico dar-se com mais facilidade (p. 73). A autora também afirma que, nas diferentes escolas psicanalíticas pressupõe-se um *solo firme*, constituído por conhecimento estabelecido. Mostra que o desenvolvimento escolástico vinha atender um dos desejos de Freud que, no entanto, seria um desvio. Vai caminhando, pas-

sando por vários autores e impasses da teoria e prática analíticas, procurando exemplificar as perdas e recuperações de seu método. Defende a tese de que uma das recuperações ocorre em Melanie Klein quando ela reinterpreta a teoria da pulsão de morte que, tal como tinha sido colocada por Freud representa uma das perdas. Sugere que, após momentos de perdas e de estagnação, ocorreu a emergência de novos autores, que *rompiam o campo* anterior, permitindo um novo florescimento teórico e técnico. Marilisa conclui dizendo que na década de 1970, no Brasil, Isaías Melsohn desponta (como) outra recuperação metodológica, recolocando a idéia de inconsciente como uma forma ordenadora da apreensão afetiva do mundo (p. 81).

Suzete Capobianco, a partir de uma pesquisa extensa que fez através da *Revista Brasileira de Psicanálise*, constata que em cada período histórico, os psicanalistas tendem a se ater a fenômenos diferentes e a falar de modo diferente. Eles se igualariam entre si, segundo a moda, que varia de uma época para outra. Cada uma destas delimitaria nossa formação. As parcelas de conhecimento absorvidas dentro de um período são consideradas verdadeiras por nós analistas, mas, depois, se instala o silêncio, as formações rígidas e todo mundo faz de um jeito diferente do que se imagina que todos façam, mas não se pode mais falar abertamente sobre isso (p. 89). A autora deste artigo problematiza o próprio título do Encontro, perguntando onde estaria o *ontem*,

por que não se teria colocado o *passado* como tema. Discute a importância do passado e indaga se no presente não estaríamos mimetizando a tendência contemporânea de nos projetarmos para o futuro como flechas, desejantes, e sem lastro (p. 91). Conclui que, para os tempos atuais, é preciso que os analistas sejam *vivos, encarnados*, e disponíveis para praticar o que denomina uma clínica de autor em contraponto com a clínica de ator (p. 93).

O livro, em sua terceira parte, conta com a colaboração de João A. Frayze-Pereira, Cecília Maria de Brito Orsini, Mônica do Amaral, Sandra Lorenzon Schaffa e, num trabalho de grupo, com Caio César S. C. Próchno, Flávia Galvão Marquez e Léia Souza Alves Araújo. Nesta parte, pode-se encontrar a "Teoria dos Campos Dialogando com Outras Disciplinas". Em "Psicanálise, Teoria dos Campos e Filosofia: a Questão do Método", Frayze-Pereira, após historiar os conceitos de *representação* e de *método*, aborda o modo pelo qual Freud realiza, dos pontos de vista ontológico e epistemológico, uma subversão da Consciência. Mostra, com efeito, que esta não é o real verdadeiro e não é a sede da verdade. Para o autor, desde a *Interpretação dos sonhos*, a psicanálise estabeleceu suas condições teóricas para subverter a metafísica clássica, a idéia moderna de conhecimento e, por implicação, a noção de método (cita Merleau-Ponty). Conseqüentemente, nos diz ser de estranhar que ainda hoje se dê ênfase à questão do método, quando se adota a perspectiva psicanalítica. Entende que, na psicanálise contemporânea, fala-se muito a respeito de método como se, com isto, se pres-supusesse uma garantia da cientificidade desta disciplina, a partir do discurso sobre o método. Chama a nossa atenção

para o fato de até na Teoria dos Campos, que é crítica com relação à própria psicanálise, haver um discurso sobre o método. Volta então a perguntar *de quê se fala*, nessa teoria, quando se usa o termo *método*. Descrevendo-a cuidadosamente e criticando a pedra angular da teoria de Fabio Herrmann, que é o conceito de *ruptura de campo* (o método da psicanálise), Frayze-Pereira diz que esse caminho aberto por Freud enquanto pensador, não é um método, mas um modo de pensar (p.113). Desenvolve seu raciocínio, segundo o qual o trabalho psicanalítico é um trabalho de reflexão e o trabalho de reflexão é uma noção distinta da idéia de método e, portanto, da idéia de um recurso formal aplicável a qualquer realidade, tendo em vista o conhecimento dela (p.113). Conclui dizendo que Fabio Herrmann livra a Psicanálise das implicações decorrentes da exterioridade sujeito-objeto do conhecimento, entre as quais se encontra fundamental e necessariamente a idéia moderna de método (p. 114) e sugere que essas considerações passem a proibir daí em diante, sob o risco de cair em paradoxos e contradições, o uso da palavra método (p. 114). Para quem se interessa pela epistemologia da psicanálise, em geral, e da Teoria dos Campos, em particular, o artigo de Frayze-Pereira é especialmente instigante.

Cecilia Orsini discute a relação da psicanálise com a literatura e apresenta um caso clínico em relação ao qual ela se inspirou em Proust, para compreender e se relacionar com a paciente. Mostra que, desde Freud, a literatura, por um lado, é usada pela psicanálise como fonte de inspiração, como modelo e como exemplo e, por outro, a própria produção analítica se assemelha muito à litera-

tura. Diz: a intensidade, a beleza e, principalmente, a precisão da descrição de Proust desviaram-me da direção de um *furor interpretandi*, que muitas vezes nos acomete, principalmente quando estamos ansiosos (...) havia mais entre o céu e a terra do que sugeria a minha literatura analítica (p.129). Cecilia não deixa de assinalar que o conhecimento acumulado da psicanálise e a sua própria prática psicanalítica entraram na constituição do ponto de vista que a ajudaram a não ler ingenuamente Proust, o vasto oceano que parece jorrar de suas páginas (p.129). Nesse seu artigo, cujo nome é "A Operação de Ruptura de Campo em suas Relações com a Psicanálise, a Clínica e a Literatura", ela ainda discute o fundamental conceito de *ruptura de campo*, sublinhando que este traz embutida uma teoria do funcionamento do processo analítico dentro do consultório e que se o conceito não chega a constituir-se de modo exato numa teoria da subjetividade, não deixa de possibilitar a hipótese crítica a respeito da propriedade fundamental do funcionamento da psique, que é a própria *ruptura de campo* (p.139).

Em seu artigo, "O Divã a Passeio ou um Passeio pela Arte de Narrar? Ainda à Procura", Mônica do Amaral esclarece sua intenção de aproximar as idéias de W.Benjamin, sobre a narrativa literária e de sua salvação, do método psicanalítico, tanto na sua versão clínica, quanto na crítica da cultura. Após afirmar que talvez a psicanálise sofra de um paradoxo análogo ao da narrativa que resulta da impossibilidade crescente de ser sujeito na contemporaneidade e de se poder ser autor da narrativa de sua própria história, já que a psica-

nálise para poder se realizar, exige que se possa ser sujeito de sua própria história ao menos enquanto promessa vindoura (p.154), pergunta como ficaria a transmissão da psicanálise e a própria atividade do analista. Citando, depois, Herrmann, afirma que é preciso um olhar que deve se voltar mais do que nunca, para a crítica das aparências, promovendo a ruptura de campo e a liberação dos sentidos reprimidos, condição (...) para restituir a narrativa ao sujeito agonizante da contemporaneidade (p.158). Conclui, argumentando com uma série de considerações, que existe uma proximidade entre a dialética proposta por Walter Benjamin a respeito da experiência e da busca salvadora das origens quando este sustenta que o enriquecimento da experiência privada (*Erlebnis*) depende de se poder articulá-la com o campo da experiência coletiva (*Er-fahrung*) e o pensamento de Herrmann, quando este propõe que a ruptura de campo deve promover a emergência de sentidos suprimidos devolvendo ao sujeito sua capacidade de se reconhecer como um ser habitado pela história (p. 162).

Sandra Schaffa em "O Homem Psicanalítico e o Tempo – Linhas de Continuidade Entre a Teoria dos Campos e Outras Produções Psicanalíticas" após descrever e fundamentar, com Benjamin, Agambén, Camus, Lacan, Arendt, a doença do homem contemporâneo cita a analogia que Herrmann dele fez com o turista (seu *disfarce* preferido): turista, registro, fotógrafo, celularizo, tvideotizo, navego. Plugado (em que?) busco (o que?) zapeando freneticamente transmitir este pedido

que me seja *delivery express* de vida *light* enquanto eu me *diet*, eu me *fitness*, eu me *bo-tox*, eu me *Viagra* ou eu me *Pro-zac* (p. 170). A autora concorda com Agambén, a respeito de a doença do homem de hoje ser a impossibilidade de traduzir em experiência os acontecimentos de nossa vida (p.173). Em seguida, entre várias belas citações de vários autores, Sandra faz uma série de considerações sobre a temporalidade e afirma, com Agambén que se trata de jamais mudar o mundo, mas mudar o tempo (p.178). Esclarece que, no sentido psicanalítico, mudar o tempo é *habitar* a condição, que tem a psique, de tomar a forma de seu porquê aberta ao reconhecimento dos tempos nos quais são ativos os signos que se converterão em história (p.178). Conclui desenvolvendo a idéia segundo a qual é numa definição temporal que se inscreve o próprio sentido revolucionário da cura analítica, o porque da ocupação do tempo dentro do tempo (p.178).

Para o espaço de uma resenha, que já se faz longa, haveria ainda  *muito livro pela frente*. Mas não quero deixar de indicar na parte IV, "Sobre a Clínica", entre outros, um artigo de Marion Minerbo que descreve uma experiência analítica inusual, da qual participaram dois cachorros. Acredito que este livro pode ser muito útil para quem queira conhecer a Teoria dos Campos, mas é indispensável para aqueles que queiram saber a respeito de suas primeiras conseqüências em nosso meio. Toda uma geração de intelectuais, inspirada por ela, dá, nesse livro muito instigante e bem elaborado, o seu *recado*. É impossível lê-lo sem se ficar com uma série de questões a respeito de coisas que pareciam definitivamente estabelecidas.

**Claudio Rossi** é psiquiatra e psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.